

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS  
BACHARELADO EM LETRAS - TRADUTOR INGLÊS-PORTUGUÊS**

**ÁGNIS SELENE LANDMEIER JAMARDO**

**ANÁLISE DE TRADUÇÕES DE *HARRY POTTER AND THE DEATHLY HALLOWS***

Porto Alegre

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS  
BACHARELADO EM LETRAS - TRADUTOR INGLÊS-PORTUGUÊS**

**ÁGNIS SELENE LANDMEIER JAMARDO**

**ANÁLISE DE TRADUÇÕES DE *HARRY POTTER AND THE DEATHLY HALLOWS***

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Letras pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizamari Rodrigues Becker.

Porto Alegre

2022

#### CIP - Catalogação na Publicação

Landmeier Jamardo, Ágnis Selene  
ANÁLISE DE TRADUÇÕES DE HARRY POTTER AND THE  
DEATHLY HALLOWS / Ágnis Selene Landmeier Jamardo. --  
2022.  
30 f.  
Orientadora: Elizamari Rodrigues Becker.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e  
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. tradução. 2. harry potter. 3. competência  
tradutória. I. Rodrigues Becker, Elizamari, orient.  
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## **ANÁLISE DE TRADUÇÕES DE *HARRY POTTER AND THE DEATHLY HALLOWS***

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Letras.

Aprovado em: 10 de maio de 2022.

### **BANCA EXAMINADORA:**

---

(Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizamari Rodrigues Becker)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rozane Rodrigues Rebechi

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Ana Beatriz Arêas da Luz Fontes

## RESUMO

A presente monografia tem como escopo a análise de excertos de duas traduções do livro *Harry Potter and the Deathly Hallows*, tanto a tradução oficial quanto a “amadora”. A obra é o sétimo livro da famosa série de Harry Potter escrita pela autora inglesa por J. K. Rowling. De início, contextualiza-se o trabalho apresentando a tradutora oficial do livro no Brasil, Lia Wyler. Após isso, aborda-se os pressupostos teóricos a respeito do processo de tradução que foram selecionados para nortear nossa análise. Finalmente, parte-se para a análise dos trechos escolhidos das traduções, com o objetivo de compará-las e averiguar a escolha de cada termo ou frase nas diferentes versões. Foram selecionadas algumas das partes que mais chamavam atenção – ou por serem difíceis de serem traduzidas ou por apresentarem diferentes resoluções tradutórias pelos respectivos tradutores. A análise foi feita comparando-se os trechos sequencialmente e, após a apresentação de cada um, foram feitas observações acerca das alternativas escolhidas.

**Palavras-chave:** Harry Potter; Tradução; Lia Wyler; Competência tradutória.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze excerpts of two translations of *Harry Potter and the Deathly Hallows*, the official translation as well as the nonofficial. The book is the 7<sup>th</sup> of the famous Harry Potter series, written by J. K. Rowling. Firstly, this thesis is contextualized with the introduction of the official translator in Brazil, Lia Wyler. Then, it turns to briefly explain the theoretical basis about the process of translation which guided our analysis. Finally, we reach the analysis itself, contrasting the excerpts chosen to investigate the decisions made by the different translators to translate specific terms and sentences because they were challenging or because of the different results brought by the translators. The analysis was made by comparing the excerpts sequentially, and then observations about the translation decisions were made.

**Key words:** Harry Potter; Translation; Lia Wyler; Translational competence.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISE</b>	<b>15</b>
3.1	<i>HALLOWS</i> E RELÍQUIAS	15
3.2	A ASCENSÃO DO LORDE DAS TREVAS	16
3.3	JOGOS DE PALAVRAS E RIMAS	21
3.4	NOMES PRÓPRIOS E NOMES DO MUNDO MÁGICO	23
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Harry Potter and the Deathly Hallows* (Harry Potter e as Relíquias da Morte no Brasil) é o sétimo e último livro da série infanto-juvenil de aventura e fantasia escrita pela autora britânica Joanne Rowling, mais conhecida por J.K Rowling, sendo *Harry Potter and the Philosopher's Stone* o primeiro. Embora a série tenha conquistado, tanto no Reino Unido quanto no Brasil, uma parcela de leitores adultos, ela tinha como público-alvo, à época do lançamento do primeiro livro, primariamente pré-adolescentes. Nesse último volume, o público é, evidentemente, formado por aqueles leitores já familiarizados com o restante da saga. Neste sentido, acredita-se que o público do livro em questão é formado, em grande parte, por adolescentes ou jovens adultos (embora, sem dúvida, crianças e adultos também o integrem). É importante também ressaltar que se trata de um *best-seller* de ficção, primariamente literatura comercial e de entretenimento, e, por isso, o público é bastante amplo e heterogêneo, e a leitura é, provavelmente, feita sem grandes pretensões.

*Harry Potter and the Deathly Hallows* tem como seu gênero discursivo o romance, padrão sociocomunicativo que frequentemente atende ao propósito comunicativo de narrar uma história. Esse gênero discursivo é, em Harry Potter, realizado por diversos tipos textuais (construtos teóricos definidos pela natureza linguística), fenômeno a que Marcuschi (2002) chama de “heterogeneidade tipológica do gênero”. Dentro do texto, aparecem sequências de narração e descrição, principalmente, e também de exposição.

Apesar de o texto da autora não ser considerado de difícil compreensão, os livros de Rowling apresentam algumas características que podem se configurar como dificuldades para os tradutores. Estão presentes nos livros dezenas de neologismos. Além disso, há significativa presença de rimas, acrônimos, anagramas, palavras invertidas e outros jogos de palavras. Por último, também pode se configurar como uma dificuldade de tradução a variação linguística, presente durante toda a série na fala do personagem Rúbeo Hagrid, que é sempre marcada e difere da do restante dos personagens.

A tradutora da série no Brasil é Lia Wyler, formada em Letras pela PUC-Rio. Seu trabalho traduzindo os sete livros rendeu a ela grande fama no Brasil tratando-se de obras estrangeiras traduzidas para o português. A escritora era natural do estado de São Paulo, mas foi no Rio de Janeiro que começou sua carreira literária, onde se



formou em licenciatura e bacharelado em Letras pela PUC-RJ, com ênfase em português e inglês. O início de seu caminho pela tradução se deu em meados dos anos 70, com textos de ficção, ciências e humanidades, traduzindo autores como Carl Sagan e Stephen King. Nos anos 90, foi presidente do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA). Teve, ainda, participação na primeira enciclopédia mundial de tradução (“*The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*”), e também publicou o livro “Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil” pela Rocco em 2003, abordando a historiografia da tradução. Com o seu trabalho feito para a Série de Harry Potter, ela ganhou o Prêmio Monteiro Lobato Tradução-Criança. Grande parte de sua fama se deu pela criatividade – aliada à naturalidade – com que Wyler conseguiu transformar as palavras inexistentes no inglês, espécies de “neologismos” criados por Rowling, em palavras correspondentes no português, trabalho este aprovado pela própria autora<sup>1</sup>.

A publicação da tradução brasileira de *Harry Potter and the Deathly Hallows* aconteceu em novembro de 2007, somente quatro meses depois da publicação em inglês. Por causa do sucesso da série no país e da demanda por rapidez, o trabalho de tradução das quase seiscentas páginas do livro foi feito em apenas 62 dias por Lia Wyler (ANAUATE, 2007). No entanto, devido à ansiedade dos leitores da série para saber o final da história e (para muitos deles) à impossibilidade de fazer a leitura do texto original, foi feita uma tradução “alternativa”, postada na internet e concluída bastante tempo antes da oficial (publicada pela editora Rocco). Essa tradução “alternativa” (não autorizada ou pirata) foi feita por um grupo de fãs anônimos, sob o nome de Armada Tradutora (em uma provável referência à Armada de Dumbledore, organização estudantil ilegal presente no quinto volume da série). Não há muitas informações sobre quem compõe esse grupo, mas o que se sabe é que são dez pessoas de diferentes cidades do Brasil, segundo matéria da Isto é (2005).

Neste trabalho de conclusão, serão analisadas e comparadas a tradução brasileira oficial, de Lia Wyler, e a “não oficial”, traduzida por fãs. Comparações entre as duas diferentes traduções serão feitas procurando-se demonstrar e confirmar que, conforme afirma Hurtado Albir (2005) em seu artigo “A aquisição da competência tradutória”, ser bilíngue é diferente de ser tradutor. Também serão comparadas as

---

<sup>1</sup> Lia Wyler, em entrevista: “Aliás, à minha primeira consulta, a Sra. Rowling - que fala o português - me respondeu pedindo que lhe mandasse uma lista das traduções a que eu chegara. Ela as aprovou sem ressalvas [...]” (Cadernos de tradução, 2008).

traduções em cotejo com o texto original em inglês, tendo-se em mente o capítulo “Interpretar não é traduzir”, de Umberto Eco, e buscando-se demonstrar casos em que é possível perceber interpretações e escolhas diferentes.

Um dos principais fatores para uma tradução bem sucedida é ter-se em mente quem é o público destinado, quem lerá a obra. Ao longo deste TCC, será levado em consideração que o texto original tem a audiência infanto-juvenil como seu público alvo, e que cada uma das traduções analisadas tem um propósito diferente, feições que serão oportunamente exploradas.

O desenvolvimento deste trabalho analisará a tradução do título da obra, de seu primeiro capítulo, de alguns nomes próprios e de casos pontuais de jogos de palavras e rimas. O recorte foi feito desta maneira porque, ao analisar o primeiro capítulo, pode-se comentar aspectos mais gerais da tradução, da linguagem utilizada e das escolhas feitas em cada texto. A análise do título, dos jogos de palavras e das rimas aparece como fator importante na medida em que parecem ser estas algumas das principais dificuldades que um tradutor pode encontrar ao se propor a trabalhar com o texto de Rowling.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Primeiramente, cabe abordar o conceito de tradução. Literalmente, a definição de tradução no dicionário Michaelis (2022) é:

Transposição ou versão de uma língua para outra; técnica que consiste em traduzir palavra, enunciado, texto, obra etc. falado ou escrito, de uma língua para outra, possibilitando sua compreensão por alguém que não conhece ou não domina a língua em que originalmente o enunciado foi emitido; Aquilo que indiretamente expressa ou reflete; imagem, reflexo, repercussão; Ação de tornar claro o significado de algo; explicação, interpretação.

Infelizmente, a definição simplista do dicionário é insuficiente para explicar o que é e como é processada uma tradução e o que constrói e valida a competência tradutória. Competência tradutória seria entendida, na minha visão, como um atributo que vai além de simplesmente compreender sentidos de outra língua. Para que o ato tradutório se concretize, não basta permanecer internamente no indivíduo o sentido interpretativo de um texto; ele (o tradutor) necessita conseguir (e ter a habilidade de) expor e explicar a mensagem para outros ouvintes. Há muitas pessoas que dominam inglês e português, mas isso fica restrito a um ambiente mais intrínseco e mental. Por exemplo, como ocorre quando alguém, mesmo entendendo a rede de sentidos de uma música em inglês, não parece saber externar isto a alguém que não domina a língua inglesa, não obtém êxito em estender ao outro a mesma compreensão daquele texto. Isso porque são necessárias, além da habilidade linguística – pré-requisito que é o domínio de duas línguas – outras habilidades como a de articulação das palavras e frases, concatenação de ideias, compreensão do funcionamento da língua e também o entendimento do contexto como um todo, levando em consideração o momento da tradução e o objeto da tradução. Essa visão também é compartilhada e principalmente embasada por Hurtado Albir, que terá seu panorama pertinente ao tema deste trabalho apresentado ao final deste capítulo.

Segundo Umberto Eco, “o tradutor [...] sempre traduz textos, ou seja, enunciados que aparecem em algum contexto linguístico ou são proferidos em alguma situação específica” (ECO, 2007, p. 49), possibilitando a própria tradução, pois baseado nisso o tradutor pode comparar dois sistemas semióticos, mesmo que os significados de cada língua tenham apenas sentido dentro do sistema em que estão

inseridos. (BONIFIGLIO, 2019). Contexto, para Eco, tem origem no próprio texto, além do próprio conhecimento linguístico que o tradutor possui da língua alvo. Segundo Eco (2007), dicionários e indivíduos bilíngues apenas dão orientações a respeito da tradução de termos em dado contexto. Contexto seria entendido como um “conjunto de informações que pode auxiliar o leitor a compreender seu significado e, no caso do tradutor, a encontrar algo na outra língua que estabeleça um efeito equivalente” (BONIFIGLIO, 2019, p. 33). Conforme entende Bonifiglio (2019, p. 333),

O contexto em outra língua, manifesto pelo próprio texto e pelo que o tradutor sabe acerca daquela cultura, possibilita que, mesmo que cada língua tenha uma visão de mundo própria, a tradução seja possível, a partir primeiramente da consulta dos verbetes no dicionário e do que Eco chama de uma “razoável informação enciclopédica” (ECO, 2007, p. 50), isto é, de algum conhecimento que o tradutor apresenta acerca de uma determinada situação, e que ele possa, após uma análise do contexto, estar mais apto a escolher o sentido mais provável e adequado àquela situação, a partir de inferências que fazemos sobre um mundo possível que está sendo descrito pelos textos.

Ademais, para Eco (2007, p. 54) “os sistemas linguísticos são comparáveis e as eventuais ambiguidades podem ser resolvidas quando se traduzem textos à luz dos contextos e em referência ao mundo do qual aquele dado texto fala”. Assim, é pela criação de um mundo possível que a tradução funciona na situação designada como um todo que será descrita com os significados da outra língua. Cabe mencionar que o autor também alega que sistemas semióticos não são comparáveis, tendo essa característica apenas quando se leva em consideração a referência e o contexto que, para ele, entende-se pela possibilidade da construção de “mundos possíveis”. Ele argumenta que outro problema em se tratando da tradução são as referências, definidas

por um ato linguístico mediante o qual, aceito como reconhecível o significado dos termos usados, são indicados indivíduos e situações de um mundo possível (que pode ser aquele em que vivemos, mas também aquele descrito por uma narrativa) e dizemos que, em uma certa situação espaço-temporal, se dá o acaso de que determinadas coisas estejam lá ou determinadas situações se verifiquem.” (ECO, 2007, p. 166)

Segundo Eco, existem textos desprovidos de referência (dicionários, gramáticas, manuais) e textos que possuem essa característica (relatos, narrações, poemas), para os quais

deve haver, por parte do tradutor, um esforço para “não mudar a referência” de um texto, ou seja, deve haver um esforço para que as referências sejam fidedignamente compreendidas para que possam contribuir para uma construção do sentido no texto traduzido. (ECO apud BONIFIGLIO, 2019, p. 34).

Porém, às vezes é preciso desconsiderar a referência para a preservação da intenção estilística do texto original. Na realidade, altera-se a referência com o intuito de manter o sentido, que vai ser atribuído na tradução tendo por conta o referente construído. Ainda, a tradução está intrinsecamente conectada com a concepção de mundos possíveis que reflitam o original, mesmo que tome por base um sistema semiótico com referenciais diferentes. Segundo Eco (2007, p. 180),

o tradutor precisa fazer uma interpretação do texto inteiro para saber de que modo os personagens costumam pensar e se comportar, a partir de uma série de inferências que pode ou não ser compartilhada por outros leitores, uma vez que “interpretar significa fazer uma aposta sobre o sentido de um texto.

Para o autor, o sentido sustentado pelas referências muitas vezes pode não ser o sentido literal. A fim de manter o conteúdo ao longo da construção do texto,

Eco diria ser necessário que se violasse a referência, caso ela não reproduzisse profundamente esse sentido. A reflexão de Eco mostra que, embora a tradução seja teoricamente impossível do ponto de vista de uma equivalência direta de significado, ou seja, a partir da suposição de uma igualdade de significados entre dois sistemas semióticos, por ser centrada na maneira como o tradutor pode traduzir a partir do contexto para construir o sentido na língua traduzida, é muito pertinente que se considere o texto, e portanto a língua organizada no discurso, como a possibilidade da tradução, em que o sentido pode ser construído a partir do quadro referencial da língua traduzida. (ECO apud BONIFIGLIO, p. 37)

No tocante ao pensamento de Hurtado Albir, a tradução é definida como um “processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada”. Assim, a tradução seria um processo comunicativo, uma atividade mental e uma operação textual. No papel de comunicação, é a mediadora de um texto escrito em determinada língua e o correspondente deste – na interpretação do indivíduo que, fluente na língua alvo em que o texto será traduzido, possibilita sua compreensão por outros não fluentes. Assim Bevilacqua entende a concepção de Hurtado Albir :

“Nesse processo, o importante é transmitir as intenções comunicativas mais do que as formas ou estruturas linguísticas, pois cada língua as expressa de forma diferente, além de levar em conta as necessidades do destinatário e a encomenda de tradução. Hurtado Albir destaca, [...] que a finalidade da tradução pode mudar de acordo com a encomenda de tradução ou o público a que está dirigida. Por essa razão, também considera a tradução um ato comunicativo complexo e é preciso considerar todos os elementos implicados em tal ato” (HURTADO ALBIR apud BEVILACQUA, 2018, p. 8)

A tradução é um conjunto de atos, uma operação textual, visto que as partes não são traduzidas separadamente ou isoladamente, mas sim em textos e contextos de uso. Destarte, o processo tradutório está situado na dimensão da escrita, e não da língua, pois também se importa com a relação intertextual e a utilização das palavras. Assim, deve-se levar em consideração os elementos de funcionamento textual (coerência, coesão, gêneros textuais), atentando que também mudam de língua para língua. A respeito de ser uma atividade cognitiva, justifica que é feita por um indivíduo – o tradutor – que precisa possuir uma competência específica – a tradutória. A fim de realizar a tradução, o indivíduo necessita de um processo mental complexo – a compreensão do texto e, logo em seguida, a reconstrução desse texto, tomando por base o objetivo e as necessidades do público alvo. Sendo uma intrincada operação textual, é necessário considerar as relações intertextuais e extratextuais (tempo, espaço, finalidade etc), como também integrar os textos.

Este trabalho está, portanto, também alicerçado nas ideias de Hurtado Albir, que apresenta uma síntese dos aspectos ou categorias de análise para a tradução, iniciando pelas características contextuais em que explicita a existência de duas situações comunicativas, cada uma com suas especificidades socioeconômicas, ideológicas e políticas (HURTADO ALBIR apud BEVILACQUA, 2018, p. 9). Além disso, leva em conta as características do autor e do destinatário presentes no processo comunicativo da tradução, assim como o funcionamento dos textos e suas relações micro e macrotextuais. Microtextual sendo entendido como as relações da palavra internamente na frase em que está inserida, enquanto macrotextual sendo a frase dentro do parágrafo e o parágrafo dentro do texto como um todo.

### 3 ANÁLISE

#### 3.1 *Hallows* e relíquias

Percebe-se, já no título do livro, um caso que pode deixar os tradutores confusos quanto a sua tradução. A palavra “*hallows*”, que é entendida como o substantivo do adjetivo anterior, “*deathly*”, não é muito frequente no vocabulário inglês atual. No passado, era usado como a forma verbal “*to hallow*”, tendo o significado de “tornar sacro”, “venerar”<sup>2</sup>. Atualmente, a construção se vê somente em palavras como “Halloween” e seus derivados. Assim sendo, a forma como a palavra é usada no título do livro não tem um correspondente direto para ser traduzido. É provável que a autora J.K Rowling tenha atribuído um significado particular, podendo até ser considerado um novo significado, levando em conta o contexto (do título) da obra e suas referências.

Houve até mesmo uma discussão entre os próprios falantes nativos da língua inglesa, que também não sabiam exatamente o que “*hallows*” poderia significar. O debate rendeu até um lugar em um famoso site da mídia jornalística britânica. No site BBC online (2007) foi postada uma notícia sobre o assunto: o autor da matéria especula a respeito do motivo pelo qual Rowling teria escolhido especificamente a palavra “*hallows*”. Como ela não se pronunciou a respeito do significado, alegando que poderia revelar o conteúdo que o livro guardava, o autor resolveu investigar opções de referentes. A primeira é que a palavra teria a mesma conotação que “santo”, que é seu significado “original”. A segunda é que pode estar ligada a uma lenda da época do rei Arthur, na qual vários objetos – uma espada, um prato e uma lança com uma gota de sangue na ponta –, que aparecem frequentemente juntos também em outras lendas medievais, foram considerados como os “*Hallows*” por um escritor interessado no “oculto”. O autor adere mais à segunda hipótese, visto que, no livro, Harry Potter sai em busca de objetos, as chamadas – no Brasil – *Relíquias (da Morte)*.

O uso da expressão “relíquias” para designar tais objetos foi possibilitado quando Rowling lançou um título alternativo, *Harry Potter and the Relics of Death*, tendo em vista os problemas que a tradutora sueca estava enfrentando para achar um

---

<sup>2</sup> Conforme dicionário MERRIAM-WEBSTER online. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/hallow>>



correspondente apropriado em sua língua. A sueca não estava sozinha nessa luta; tradutores de várias nacionalidades estavam quebrando a cabeça e não conseguiam juntar as peças. Com essa pista dada, os tradutores agora sabiam como relacionar o antes fantasmagórico “*hallows*” com as referências em suas respectivas línguas.

Pode-se relacionar esse caso ao capítulo “Interpretar não é traduzir”, de Umberto Eco. Nele, Eco argumenta que há um número possível de traduções no plano abstrato, mas que no interior do contexto haveria apenas uma tradução apropriada. Eco mostra que, para traduzir, primeiro deve-se realizar uma operação de reformulações do texto fonte (que não são traduções), e que uma delas deve ser a escolhida. Para ele, uma boa tradução é sempre uma contribuição crítica para a compreensão da obra traduzida; a tradução sempre conduz a certo tipo de leitura da obra (assim como de crítica).

Tomando por base esse viés, pode-se pensar nas escolhas feitas por cada tradutor, que são um exemplo de que interpretar não é traduzir, mas que para alcançar essa última ação, a primeira torna-se necessária. Para uma tradução ser considerada boa, o tradutor deve primeiro focalizar uma leitura crítica no texto de origem, relê-lo, decidir qual caminho vai tomar. A escolha desse caminho, na tradução resultante, vai guiar o leitor a certo ponto de vista a respeito da leitura do texto. Esse método de interpretação, com leitura crítica, permite ao tradutor perceber as nuances menos óbvias do texto, como as redações ambíguas e passagens obscuras, as ironias, os sutis toques de humor, as referências intertextuais e todo um conjunto de aspectos que muitas vezes poderia escapar-lhe caso a leitura não fosse tão minuciosa.

### 3.2 “A ascensão do Lorde das Trevas”

“A ascensão do Lorde das Trevas” (ou “The Dark Lord Ascending”, no original) é o primeiro capítulo de *Harry Potter and the Deathly Hallows*. Serão comparadas, nesta seção, as diferentes traduções e/ou interpretações feitas por Lia Wyler, a tradutora oficial, e pela Armada Tradutora, não oficial.

The two men halted at a heavy wooden door leading into the next room, hesitated for the space of a heartbeat, then Snape turned the bronze handle. (ROWLING, 2007, p. 10)

Os dois homens se detiveram à frente de uma pesada porta de madeira que levava a outro cômodo, hesitaram o tempo de uma pulsação, então Snape girou a maçaneta de bronze. (WYLER, 2007, p. 10)

Os dois homens pararam a uma pesada porta de madeira que levava ao próximo aposento, hesitaram com o coração acelerado, até que Snape girou a maçaneta de bronze. (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 4)

Provavelmente, a expressão “space of hearbeat”, comum no inglês, queria dizer algo semelhante a “um instante”. Na tradução de Wyler o significado da expressão idiomática foi levado “ao pé da letra”, trazendo a construção “o tempo de uma pulsação” que, num primeiro momento, não parece ser uma expressão de uso corrente e cristalizado em português, mas que conseguiu transmitir a ideia de algo efêmero. Quanto à tradução da Armada Tradutora, provavelmente houve um mau entendimento da expressão (ou, nesse caso é seguro dizer, um *não* entendimento), visto que o sentido presente na expressão escolhida por eles (“com o coração acelerado”) não se relaciona com o do inglês.

He always did himself well, Lucius. Peacocks ... (ROWLING, 2007, p. 10)

Ele sempre soube viver, o Lúcio. Pavões... (WYLER, 2007, p. 9)

Lúcio sempre gostou do bom e do melhor. Pavões... (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 4)

Aqui, é provável que a expressão da versão original tivesse um sentido semelhante a “conseguiu se virar”. A Armada Tradutora interpretou o adjetivo “well” relacionando à riqueza (“o bom e o melhor”). As escolhas feitas por Wyler e pela Armada Tradutora são bastante diferentes entre si, mas são capazes de trazer a ideia de que Lucius sempre se preocupou em “tratar bem a si mesmo”, ou “se virou bem”.

‘My Lord,’ Yaxley went on, ‘Dawlish believes an entire party of Aurors will be used to transfer the boy –’ (ROWLING, 2007, p. 12)

— Milorde — continuou Yaxley —, Dawlish acredita que vão usar um destacamento inteiro de aurores na transferência do garoto... (WYLER, 2007, p. 12)

- Milorde. - Yaxley continuou. - Dawlish acredita que um esquadrão inteiro de Aurores será utilizado para transferir o garoto. (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 6)

A tradução mais comum de “Party”, baseada em pesquisas de dicionários online, é apresentada como festa ou partido político; porém, há de se atentar para o contexto no qual a palavra está inserida. No caso desse uso pontual, a julgar pelo contexto, ele estava designando o mesmo que “grupo” (envolvido em uma atividade específica – como denotando um sentido de “facção”). Embora “destacamento” e “esquadrão” não denotem exatamente a mesma coisa, vê-se que ambas as traduções foram capazes de manter o sentido (de “grupo”) que “party” tinha neste trecho.

‘Many of our oldest family trees become a little diseased over time’ (ROWLING, 2007, p. 16)

Muitas das nossas árvores genealógicas mais tradicionais, com o tempo, se tornaram bichadas. (WYLER, 2007, p. 16)

- Muitas de nossas mais tradicionais árvores genealógicas ficaram um pouco descartáveis com o passar do tempo. (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 11)

Nessa tradução a Armada voltou a confundir as coisas. Não há relação entre “diseased”, que fala de algo que está doente, “adoentado(a)”, podendo ser designado como “bichada”, como Wyler o faz, e entre “descartável”. Talvez os tradutores tenham pensado apenas na forma morfológica das palavras e escolhido a que mais se aproximava.

Serão feitas agora algumas comparações entre a tradução da Armada Tradutora com os trechos originais, uma vez que ela apresenta um número considerável de problemas:

'Thought I might be late,' said Yaxley, his blunt features sliding in and out of sight as the branches of overhanging trees broke the moonlight. (ROWLING, 2007, p. 9)

- Pensei que pudesse ser tarde - disse Yaxley, suas feições arredondadas ficando fora de vista, enquanto os ramos suspensos das árvores bloqueavam a luz do luar. (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 3)

Neste caso, há alguma perda de sentido na tradução em relação ao original: parece-nos que o mais adequado seria traduzir para “pensei que pudesse estar atrasado” (visto que Yaxley refere-se a si mesmo – “I” – ao usar “late”). O tradutor, no entanto, optou por “ser tarde”, mas é preciso lembrar que não é necessariamente tarde se alguém se atrasa – o que é confirmado na página seguinte, quando Voldemort diz para Yaxley e Snape que eles não estão atrasados por muito pouco.

The gesture was not missed by Voldemort, whose eyes widened maliciously. (ROWLING, 2007, p. 15)

O gesto não foi perdido por Voldemort, cujos olhos alargaram-se maliciosamente. (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 9)

Aqui, foi feita uma tradução literal, sem levar em conta o contexto: a expressão “was not missed”, nesse caso, quer dizer “não passou despercebido”, e não “não foi perdido”. Às vezes esse verbo é usado com um significado de tentar fazer algo e falhar, levando a uma consequente associação de perda, mas não há relações com esse tipo de sentido no uso específico dessa determinada frase.

'I have been careless, and so have been thwarted by luck and chance, those wreckers of all but the best laid plans. But I know better now. I understand those things that I did not understand before. I must be the one to kill Harry Potter, and I shall be.' (ROWLING, 2007, p. 13)

“Fui descuidado e também enganado pela sorte e pela chance, com a destruição de todos meus planos mais bem elaborados. Mas eu sei melhor agora. Entendo coisas que eu não entendia antes. Deverei ser eu a pessoa que matará Harry Potter, e o farei” (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 7)

Esta tradução apresenta um problema em relação à leitura e interpretação do trecho “those wreckers of all but the best laid plans”, pois Voldemort não faz referência a planos que *ele* tenha feito, como aparece na tradução. É uma espécie de generalização: a sorte e o acaso (que parece mais adequado para traduzir “chance” nesse contexto) só não são capazes de destruir os planos mais elaborados. O trecho não diz, portanto, que a sorte e o acaso destruíram todos os planos mais elaborados dele. Outro achado é a tradução de “I know better now” para “eu sei melhor agora”. Literalmente, é isso que a expressão está dizendo, e o tradutor resolveu conservar a tradução literal da expressão idiomática, obtendo êxito em transmitir o sentido original da frase.

Agora, vamos a um caso de desvio de grau de formalidade:

‘Yes – my Lord, that is true – but you know, as Head of the Department of Magical Law Enforcement, Thicknesse has regular contact not only with the Minister himself, but also with the Heads of all the other Ministry departments.’  
(ROWLING, 2007, p. 12)

“Sim, milorde, isso é verdade, mas você sabe, como Chefe do Departamento de Aplicação das Leis da Magia, Thicknesse tem contato regular não apenas com o ministro, mas também com todos os chefes de departamento do Ministério.” (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 7).

Neste último caso, percebe-se um erro de interpretação por parte do tradutor. O pronome “you” pode ser traduzido por “você”, “tu”, ou ainda “o/a senhor/a”. A escolha deve ser feita a partir do contexto: como diz Eco (2007), existe um número de traduções possíveis no plano abstrato, mas, dentro do contexto (e do mundo possível), só uma é apropriada. Este exemplo evidencia a questão: no contexto, onde temos um subalterno de Voldemort, que o trata por “milorde”, não parece cabível que ele trate “seu lorde” por “você” e não “o senhor”.

Em exemplos como este, fica bastante claro que, como afirma Hurtado Albir (2005), a competência tradutória é diferente da bilíngue – esta faz parte daquela, que conta com diversas outras subcompetências. Provavelmente, a Armada Tradutora é um grupo de pessoas com conhecimentos tanto de língua inglesa quanto de língua portuguesa (e certamente com algum conhecimento extralinguístico e instrumental), mas que, como não se trata de um grupo de profissionais, eles não possuem a

chamada “competência tradutória”, ao contrário de Lia Wyler. É por esse motivo que muitas de suas escolhas na hora de traduzir acabam se mostrando como menos adequadas, ou então como erros. Sua *competência natural* (que todo bilíngue possui, segundo Hurtado Albir ) fica comprovada, pois de fato é feito um trabalho de tradução do texto original. A questão é que este grupo de pessoas não passou pelo processo formativo de aquisição da *competência profissional*, qual seja, o conjunto de habilidades de articulação das construções linguísticas e semânticas, a coordenação de ideias, juntamente com sua coesão e coerência, o entendimento da estrutura de determinada língua assim como a compreensão do contexto apresentado - o momento da tradução e o objeto da tradução. A competência profissional se vê na preocupação, também, de produzir no leitor o mesmo efeito que o original teria produzido no seu público-leitor: aproximar os neologismos da realidade do interlocutor para um melhor entendimento do público-alvo. Além disso, também é a qualidade da competente interpretação dos textos em ambas as línguas envolvidas, o conhecimento que o tradutor apresenta acerca de uma determinada situação, a análise do todo, conseguindo, assim, estar mais apto a escolher o sentido mais provável e adequado àquela situação.

### 3.3 Jogos de palavras e rimas

Em *Deathly Hallows*, há um bom exemplo para representar os jogos de palavras frequentemente utilizados por Rowling durante a série. Nesse livro, há um ponto importante da trama que gira em torno de um jogo de palavras: em determinado momento, Harry Potter recebe um “pomo de ouro” (uma pequena bola) no qual havia um objeto escondido. No pomo, o menino encontra a inscrição “*I open at the close*”, cujo significado gera dúvidas tanto no personagem quanto no leitor. Apenas mais tarde na trama é revelado que o pomo abriria quando Harry percebesse que estava perto de sua morte, relacionando “close” (que pode ter o sentido de fechar e de fim, entre outros) à morte. Lia Wyler considerou este jogo de palavras como uma das maiores dificuldades da tradução<sup>3</sup>. O trecho foi traduzido como “*abro no fecho*”, e foi

---

<sup>3</sup> Em entrevista para a revista Época: “Houve jogos de palavras desafiadores como o já famoso “abro no fecho”, uma frase necessariamente ambígua para não estragar o suspense.” (ANAUATE, 2007).

possível manter o jogo de palavras entre abrir/fechar ao mesmo tempo em que “fecho” transmitiu o sentido de “remate, conclusão, fim”<sup>4</sup>. Já na tradução feita por fãs, a inscrição foi traduzida por “*Eu abro ao fechar*”, acompanhada de uma nota do tradutor, na qual o trecho original é apresentado ao leitor. A escolha do verbo “fechar” é correta em relação à palavra “[to] close”, que tem este verbo como um de seus significados. No entanto, embora nesta tradução também seja mantido o jogo entre “abrir” e “fechar”, fica um pouco mais distante o sentido de “conclusão” dado pela palavra usada no original. Assim, o tradutor da versão não oficial sente necessidade de traduzir o trecho que aparece algumas linhas depois, quando Harry percebe que está prestes a morrer (“This was the close. This was the moment. He pressed the golden metal to his lips and whispered, ‘I am about to die.’” (ROWLING, 2007, p. 559) como “Isto era o fechar, o fim. Este era o momento.” (2007, p. 488), enquanto Wyler o traduz como “Este era o fecho. Este era o momento” (2007, p. 545).

Outro exemplo de uma possível dificuldade de tradução pode ser encontrado ao final da batalha de Hogwarts, na qual Harry acaba por finalmente derrotar Voldemort. Comemorando a vitória, Pirraça, um poltergeist que vive no castelo, compõe uma espécie de “hino da vitória”.

Somewhere in the distance they could hear Peeves zooming through the corridors singing a victory song of his own composition:

We did it, we bashed them, wee Potter's the one,

And Voldy's gone moldy, so now let's have fun! (ROWLING, 2007, p. 597)

No trecho acima, é possível ver a preocupação de Rowling com as rimas entre “one” e “fun” e “Voldy” e “moldy”. Vejamos a seguir como isso se dá nas duas traduções.

Em algum lugar distante ouviam Pirraça disparando pelos corredores, cantando o hino da vitória que ele compusera:

Vencemos, esmagamos a fera, Potter é o Máximo,

Voldy já era, então agora vamos nos divertir à vera!

(WYLER, 2007, p. 580)

---

<sup>4</sup> Conforme definição do dicionário AULETE online. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/fecho>>

Na tradução de Lia Wyler, há uma preocupação maior em manter as rimas (embora haja uma perda no ritmo), o que fica evidenciado por “fera”, “era”, e “vera”. Desse modo, as palavras não são traduzidas em seu sentido literal, havendo mudanças que podem até mesmo ser consideradas bruscas, como de “them” para “fera”. Mesmo assim o sentido dos versos não é perdido.

Em algum lugar distante eles podiam ouvir Pirraça zumbir pelos corredores cantando uma canção de sua própria composição:

Nós conseguimos, nós vencemos eles, Potter é o cara,  
E o péssimo Voldemort está morto, então vamos ter um pouco de diversão!  
(ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 510)

Já no texto produzido feita pelos fãs, a tradução é, em praticamente todos os casos, feita a partir do sentido das palavras, que é mantido. Assim, não há preocupação com rimas, que se perdem completamente nesta tradução. São escolhas que o tradutor precisa fazer, pois precisa decidir qual aspecto privilegiar. Em Wyler, a preocupação parece ser aquilo que Eco (2007) chama de “produzir no leitor o mesmo efeito que o original”, pois ela procura manter os traços de versinho na canção de Pirraça. Assim, sua tradução demonstra uma preocupação maior com a expressão. Bem diferente é o caso da segunda tradução, em que as palavras são mantidas, mas o conjunto delas em nada se assemelha a versos. É muito provável que, em momentos como esse, pesem o preparo e o conhecimento daqueles que são, de fato, tradutores.

Ao se analisar as duas traduções (principalmente em comparação uma com a outra) não se pode deixar de considerar os propósitos de cada tradutor (ou grupo de tradutores, no caso da tradução não oficial). Enquanto Lia Wyler é, de fato, uma tradutora profissional, para quem Harry Potter representou um trabalho, a Armada Tradutora é formada por um grupo provavelmente heterogêneo de pessoas cujo objetivo era apenas o de permitir que alguns leitores mais afoitos pudessem fazer a leitura um pouco mais cedo. Este público tinha como principal anseio saber quais seriam as reviravoltas presentes no livro, e qual seria o desfecho da história que já haviam acompanhado durante seis outros volumes (e que, provavelmente, comprariam e leriam o livro no momento da publicação da tradução oficial). É a partir



do público idealizado a que o tradutor se dirige que ele faz “seu julgamento do que é ou não necessário para os propósitos de sua tradução” (WESTPHALEN et al, 2001, p. 122). Neste sentido, é evidente que as pessoas envolvidas na tradução não oficial tinham uma preocupação maior de apenas possibilitar uma leitura razoável para os fãs mais ansiosos. Por esse motivo, seus “erros de tradução” podem ser relativizados, uma vez que seu texto serve aos seus propósitos.

### 3.4 Nomes próprios e nomes do mundo mágico

Ao criar um mundo mágico, J.K Rowling teve muito a nomear. Para citar alguns: objetos, lojas, animais, esportes e até ingredientes para poções. Palavras novas e neologismos não faltam na saga de *Harry Potter*. Em muitas ocasiões, Wyler os traduziu com grande êxito, conseguindo causar um efeito próximo ao encontrado no livro em inglês. Já em outras, por não haver um termo para tradução direta, Wyler teve que recorrer a palavras com sentidos diferentes.

O gato da Hermione, o qual J.K Rowling nomeia por meio de um neologismo, é chamado de “Crookshanks” (ROWLING, 2007, p. 81), que é uma justaposição das palavras “crook”, torto em português, e “shanks”, membros inferiores. Na versão brasileira, Wyler traduziu para “bichento” (WYLER, 2007, p. 77). Neste caso, Wyler provavelmente estava mais preocupada em dar um nome ao gato de Hermione que não estivesse longe de nossa realidade, um nome que não seria estranho ao público. A preocupação de Wyler em poder-se relacionar um nome criado por Rowling a um termo de nossa realidade também pode ser vista na tradução de “Chaser” (ROWLING, 2007, p. 96). “Chaser” é uma palavra que designa uma posição no esporte fictício chamado de “Quadribol” em português. A pessoa que está na posição “Chaser” persegue (“chase”, em português) a bola. Wyler traduziu esta posição para “Artilheiro” (WYLER, 2007, p. 92) que está bem presente em nossa realidade. Nos casos acima, as traduções já haviam sido feitas em livros anteriores, e a Armada Tradutora utilizou-se das adaptações de Wyler.

Entretanto, já para novos objetos apresentados só em *Harry Potter and the Deathly Hallows*, as traduções de Wyler e da Armada Tradutora diferem. É o caso de “Elder Wand” (ROWLING, 2007, p. 331), a varinha que é introduzida na série como uma varinha legendária, a mais poderosa que existe. A Armada Tradutora a traduziu como “Primeira Varinha” (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 311), já Wyler traduziu

para “Varinha das Varinhas” (WYLER, 2007, 318). Aqui, há uma clara diferença de propósito. A Armada decidiu passar uma tradução mais literal (“elder” dá a ideia de antigo, ancião), enquanto Wyler decidiu não se manter neste sentido, mas, utilizando-se de suas interpretações, também passar o efeito de uma varinha mais poderosa que as outras existentes. Na tradução de “Elder Wand” de Wyler, percebe-se o que Eco disse com “[...] uma boa tradução é sempre uma contribuição crítica para a compreensão de uma obra traduzida.” (2007, p. 291). Wyler não está só traduzindo “Elder Wand”, ela está passando sua interpretação deste objeto e sua percebida importância.

Outro caso interessante de se analisar é “Shell Cottage” (ROWLING, 2007, p. 384), a casa de Gui (ou Bill, no original em inglês) e Fleur, para onde Harry e seu grupo vão após conseguirem fugir do Casarão dos Malfoys. A tradução oficial foi de “Chalé das Conchas” (WYLER, 2007, p. 391), enquanto a da Armada foi “Casa das Conchas” (ARMADA TRADUTORA, 2007, p. 303). As duas traduções não diferem muito, mas, nas duas, um pouco do sentido é perdido. Enquanto se relaciona “conchas” com praia, “shell” também traz um embargo de proteção, abrigo. Infelizmente, as duas traduções não foram felizes quanto a isso, apesar de também não se conseguir achar uma boa solução. Para manter também este sentido, seria uma alternativa possível a inclusão de uma referência, mais a frente, de que Harry e seus amigos percebem esta casa, ou chalé, como um lugar seguro, um abrigo. Não se encontra tal referência nem na tradução da Armada Tradutora, nem de Wyler.

Ainda na questão de trazer as traduções para nossa realidade, Wyler também faz modificações em nomes próprios. A tradutora oficial de *Harry Potter* tenta reformular esses nomes para que sejam mais “palatáveis” em nosso idioma, como são os casos de Pius Thicknesse (ROWLING, 2007, p. 171) e Charity Burbage (ROWLING, 2007, p. 17), ambos no original. A Armada Tradutora não se preocupou com a tradução dos nomes próprios, que foram mantidos como os do original. Já na tradução oficial, houve a preocupação com estes detalhes aparentemente pequenos. Wyler traduziu os nomes para Pio Thicknesse (WYLER, 2007, p. 12) e Caridade Burbage (WYLER, 2007, p. 17), usando uma tradução parcial em que a função de cada lugar ficasse explícita para os leitores, mas que não apagasse completamente o “sabor” do nome estrangeiro.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito ao longo deste trabalho, Rowling escreveu seus livros tendo em mente o público infanto-juvenil. A autora de *Harry Potter* cria um mundo mágico e nos traz várias novas palavras, o que pode vir a ser um problema ao se traduzir o livro de uma língua para outra. Wyler, como visto, faz um grande trabalho. Quando possível, ela aproxima os neologismos da nossa realidade para um melhor entendimento do público-alvo. Isto está relacionado ao que Hurtado Albir (2005) chama de subcompetência extralinguística, exemplificado no fato de Wyler possuir conhecimentos do mundo e experiência, o que se transmite ao tentar traduzir neologismos semânticos para que os leitores possam fazer um paralelo mais claramente. Já a Armada Tradutora, tendo como público-alvo leitores já aclimados com a série, tenta distribuir uma tradução para entendimento do enredo. Não há grandes preocupações com estética, só com passar a informação para leitores que querem ler o novo livro o mais rápido possível e não querem esperar a tradução oficial. A Armada pode se dar ao luxo de não se preocupar com pequenos detalhes e simplesmente passar o conteúdo do livro o mais fielmente possível.

Wyler, já tendo experiência como tradutora antes de começar a traduzir *Harry Potter*, encontra soluções tradutórias mais eficazes. Apesar de que tem de se levar em consideração os componentes psicofisiológicos, como dito por HURTADO ALBIR (2005). Wyler teve que traduzir um livro de mais de 600 páginas o mais rápido possível e fazer um trabalho decente ou correria o risco de ter uma legião de fãs enfurecidos, tanto por não fazer um trabalho suficientemente rápido quanto por não fazer jus à amada série. A tradutora oficial de *Harry Potter* se saiu muito bem, não é por acaso que é uma das mais reconhecidas tradutoras do Brasil na atualidade. Como visto na análise do capítulo “A ascensão do Lorde das Trevas” (ou “*The Dark Lord Ascending*”, em inglês), há escolhas de tradução que são discutíveis e que nos fazem querer perguntar para Wyler por que ela escolheu traduzir deste ou aquele jeito, entretanto tais escolhas não representam *erros* de uma pessoa que interpreta erroneamente – como ocorre com a tradução da Armada Tradutora, quando, por exemplo, não traduzem “late” como “atrasado”.

Vê-se na tradução oficial de *Harry Potter* um trabalho tradutório de enorme qualidade. A preocupação de Wyler com os pequenos detalhes e seu empenho para conseguir passar os mesmos efeitos do original, como se verifica na tradução dos

versos de Pirraça, é louvável. Com soluções criativas e boas interpretações, Wyler faz um ótimo trabalho traduzindo *Harry Potter*. A tradução da Armada Tradutora é também louvável quando são reconhecidos os seus objetivos. Acredita-se que muitos desfrutaram de sua tradução, apesar de não ter sido feita por tradutores experientes, só por fãs e para fãs. Quando se considera que sua meta era ajudar outros leitores que não sabem inglês e queriam ler o desenrolar da história o mais rápido possível, a Armada fez mais do que uma boa tentativa – fez com que o leitor sem a necessária competência leitora em inglês saltasse essa barreira e tivesse acesso ao texto no tempo mais curto possível, ainda que com limitados recursos de revisão. O ponto forte de tal tradução não é a sua acurácia, mas ser oportuna e colaborativa.

Todos esses aspectos nos levam a questionar o que faz de um tradutor um “bom tradutor”? Especialmente quando se depara com um livro como *Harry Potter*, que possui muitos detalhes e neologismos, assim como rimas e versos. É impossível não citar o trabalho de Hurtado Albir (2005), que enumera as subcompetências que um tradutor deve possuir. Como visto na tradução da Armada Tradutora, só ser bilíngue não é o suficiente para garantir uma tradução de boa qualidade. Um tradutor precisa ter profundo conhecimento das duas línguas e também de suas expressões idiomáticas, além de conseguir interpretar textos, tanto na língua alvo como na de origem, competentemente. Outros dois fatores indispensáveis são a experiência – porque se aprende fazendo – e o conhecimento de teorias tradutórias – porque a teoria é uma etapa de reflexão coletiva que fixa as crenças e postula futuras indagações. Além disso, também se mostra essencial o faro investigativo do tradutor, de saber onde procurar, nos lugares corretos, o que procurar e, após isso, como lidar com as informações obtidas para inseri-las em sua tradução de modo adequado. Possivelmente, havia pessoas que estavam traduzindo pela primeira vez na Armada Tradutora, o que justificaria erros primários como, de novo, o caso de “late” não ter sido traduzido como “atrasado”. Além disso, tratando-se da tradução do texto de Rowling, não se pode deixar de citar o fator relacionado à criatividade – que está presente no original e que, por vezes, se faz muito necessário também para o tradutor. Pode-se perceber este fator muitas vezes na tradução feita por Wyler, que em determinadas situações decide utilizá-lo em detrimento da literalidade, pois se preocupa mais em causar o mesmo efeito e aproximar a obra do seu leitor.

Concluo deixando claro que também foi considerada, na etapa de construção de corpus deste TCC, a versão portuguesa de *Harry Potter and the Deathly Hallows*

(em Portugal, “Harry Potter e os Talismãs da Morte”). Entretanto, por termos conseguido acesso somente ao primeiro capítulo, foi deixada de lado, apesar de termos encontrado nesse texto incompleto algumas diferenças e contrastes instigantes para uma análise contrastiva que pretendesse averiguar variedades linguísticas. Para ilustrar, um exemplo com a tradução da expressão “manor house” (ROWLING, 2007, p.10): na versão brasileira, foi traduzida como “casarão” (WYLER, 2007, p. 10); na versão portuguesa, como “casa senhorial” (ROCHA et al, 2007, p. 11).. Além do acesso limitado à tradução na íntegra, há escassez de informação com relação aos responsáveis pela tradução. Por estas razões, não foi adicionada a tradução portuguesa ao restante deste trabalho. Apesar de a versão portuguesa não encontrar espaço neste TCC pelas razões descritas acima, mostra-se pertinente deixar registrado seu potencial aproveitamento nesta pesquisa em desdobramentos futuros, como em eventos e outras publicações, ou até mesmo em nível de mestrado, oportunidades em que poderia talvez haver mais espaço para explorar essas diferenças que, com certeza, não são poucas, ou tampouco irrelevantes – tanto do ponto de vista linguístico quanto do cultural.

## 5 REFERÊNCIAS

ANAUATE, Gisela. “A tradução é uma ponte entre duas culturas”. Época, n. 493, 2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79809-5856-493,00.html>. Acesso em 22 mar. 2022.

BENEDETTI, Ivone. A Grenha. Disponível em: <https://ivonecbenedetti.wordpress.com/conversas-com-tradutores-e-escritores/lia-wyler/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BEVILACQUA, Cleci Regina. As propostas de Nord e Hurtado HURTADO ALBIR : aproximações teóricas nos estudos de tradução. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/3dTwmJbjMnbFd64jms5LKDJ/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BONIFGLIO, Fabio. A referência na tradução: a construção do sentido no texto traduzido. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001111696&loc=2020&l=0f343c0412cd247b>. Acesso em: 22 mar. 2022.

CASTELLÓN, Lena. O caldeirão de ouro. Revista ISTO É online. 27 jul. 2005. Disponível em: [https://istoe.com.br/8216\\_O+CALDEIRAO+DE+OURO/](https://istoe.com.br/8216_O+CALDEIRAO+DE+OURO/). Acesso em: 10 mai 2022.

ECO, Umberto. Interpretar não é traduzir. In: *Quase a mesma coisa*. Trad. xxx. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.265-298.

ENTREVISTA com Lia Wyler. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 2, n. 8, p.205-231, 2008. Disponível em: <http://journal.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5894/5574>. Acesso em: 22 mar. 2022.

HALLOWS, Neil. Hallows be thy name. BBC ONLINE News Magazine, 20 jul. 2007. Disponível em: [http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/magazine/6908080.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/magazine/6908080.stm). Acesso em: 23 mar. 2022.

HURTADO ALBIR , Amparo. A aquisição da competência tradutória. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (org.) *Competência e tradução e cognição*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, p. 20-57.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Deathly Hallows*. London: Bloomsbury, 2007a.

ROWLING, J.K. (tradução, Lia Wyler). *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007b.

ROWLING, J.K. (tradução, Armada Tradutora) internet. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. 2007c. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/139578725/Harry-Potter-e-as-Reliquias-Da-Morte>. Acesso em: 22 mar. 2022.

ROWLING, J.K. (tradução, Alice Rocha, Manuela Madureira, Maria Georgina Segurado e Maria do Carmo Figueira). A ascensão do Senhor das Trevas. In: *Harry Potter e os Talismãs da Morte*. Lisboa: Presença, 2007d. p. 11-20. Disponível em: <http://www.presenca.pt/files/products/Exc60130107.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

TRADUÇÃO [verbete]. In: MICHAELIS, Dicionário Online de Português. Melhoramentos Ltda, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

WESTPHALEN, Flávia et al. *Os tradutores de Alice e seus propósitos*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 2, n. 8, p.121-144, 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5889/5569>. Acesso em: 22 mar. 2022.